

# EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS: LAZER, JUVENTUDE E CONSUMO DE BEBIDAS

## PHYSICAL EDUCATION AT SCHOOL AND CONTEMPORARY CHALLENGES: LEISURE, YOUTH AND ALCOHOL CONSUMPTION

Liana Abrão Romera **1**  
Aurora Madariaga Ortuzar **2**  
Idurre Lazcano Quintana **3**

**Resumo:** Com base nas reflexões desenvolvidas por pensadores da Educação Física contemporânea, o presente artigo apresenta à problematização temas atuais que de forma direta e indireta dialogam com a Educação Física escolar. Na perspectiva de fomentar o diálogo entre escola e sociedade, o destaque proposto refere-se às contribuições da Educação Física escolar no desenvolvimento de uma educação para o lazer, problematizando os consumos de álcool efetivados em situações de lazer e promovidos por uma parcela de jovens estudantes do ensino fundamental e médio. Ao reconhecer e refletir sobre o fenômeno, o objetivo é construir possibilidades de ações de prevenção e promoção de saúde desde a escola, com ênfase na Educação para o Lazer. É certo que não esperamos que a Educação Física seja a solucionadora de problemas sociais complexos e multifatoriais, no entanto acreditamos que nesse componente curricular há elementos contributivos e pedagógicos para o desenvolvimento de ações potencializadoras de reflexões e responsabilização pelas tomadas de decisões, dando ênfase à reflexão crítica acerca das próprias escolhas.

**Palavras-chave:** Educação Física. Escola. Prevenção. Juventude.

**Abstract:** Based on the reflections developed by thinkers of contemporary physical education, this article presents the problematization of current issues that directly and indirectly dialogue with physical education in schools. From the perspective of promoting dialogue between school and society, the proposed highlight refers to the contributions of school-based Physical Education in the development of recreational education, problematizing alcohol consumption in leisure situations, through a group of young students from primary and secondary schools. By recognizing and reflecting on the phenomenon, the objective is to build possibilities for prevention and health promotion actions from the school, with emphasis on Education for Leisure. It is true that we do not expect Physical Education to solve complex and multifactorial social problems, but we believe that in this curricular component there are contributory and pedagogical elements for the development of actions that improve reflection and responsibility in decision-making, emphasizing critical reflection on the choices of young people.

**Keywords:** Physical Education. School. Prevention. Youth.

---

Doutora em Educação Física pela Universidade Estadual de  
Campinas – UNICAMP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8157972720636940>.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4809-2744>. E-mail: [liromera@uol.com.br](mailto:liromera@uol.com.br) **1**

Psicóloga pela Universidad de Deusto. Lattes: <https://www.deusto.es/cs/Satellite/deustoresearch/es/inicio/centros-equipos-e-investigadores/investigadores/699/investigador>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8369-2780>. E-mail: [aurora.madariaga@deusto.es](mailto:aurora.madariaga@deusto.es) **2**

Pedagoga pela Universidad de Deusto. Lattes: <https://www.deusto.es/cs/Satellite/deusto/es/universidad-deusto/sobre-deusto-0/deusto-quienes-somos/profesores/1199/profesor> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6746-0357>. E-mail: [ilazcano@deusto.es](mailto:ilazcano@deusto.es) **3**

## Introdução

As transformações sociais constituem um importante processo da atualidade, uma vez que, apresentadas em velocidade surpreendente, impactam nos modos de estruturação da sociedade em seus diferentes aspectos. A constante existência de disparadores de mudanças promove tanto pequenas quanto grandes transformações na sociedade, evidenciando que a única certeza que marca a contemporaneidade é a incerteza do que vem pela frente. Assim, temos claro que de alguma maneira essas transformações irão impactar nas experiências humanas em diferentes setores sociais. Afirma Bauman (2000) que também o campo educacional é atingido pelo que ele denomina de “economia política da incerteza”, tornando premente a necessidade de se discutir o *status* da educação na atualidade, considerando inevitáveis as mudanças e as atualizações do modo de estar na escola.

Ganham destaque as formas de comunicação e maior facilidade de acesso à informação impulsionada especialmente pelos avanços tecnológicos e científicos. Novas maneiras de consumir produtos e serviços, conectar pessoas, de conviver, entre tantas outras, sinalizam a necessidade constante de adaptação humana, mas também de um esforço de leitura e compreensão do mundo e seus sinais, apresentados como desafios contemporâneos colocados para a Educação, a Saúde, o Lazer, o Trabalho, a Segurança, entre outros.

Savater (2012) adverte que processar informações não é o mesmo que compreender significados ou participar na transformação do significado ou na criação de outros novos. A educação vai muito além da informação. Segundo o autor, “a verdadeira educação consiste não em ensinar a pensar como também em aprender a pensar sobre o que se pensa [...]” (SAVATER, 2012, p. 33). A formação crítica e criativa é cada vez mais necessária, exigindo da Educação novas formas de se relacionar com os conhecimentos e com a sua própria comunidade.

Diante dos múltiplos desafios do futuro, a Educação segue representando um bem indispensável à humanidade, cabendo a ela, em sentido amplo, cumprir um de seus principais objetivos: a formação humana do homem para seu tempo e contexto social. Silva e Fensterseifer (2010) afirmam que, ainda que mudem os desafios, a formação do homem continua sendo a grande tarefa educacional. É a ela que se consagra, desde sempre, a civilização, em todos os tempos e lugares, com suas instituições e pelos mais diversos meios, entre os quais a escola.

Na mesma perspectiva, Delors (2012) considera que as finalidades e meios da Educação residem nas políticas educativas, um permanente processo de enriquecimento dos conhecimentos, do saber fazer, mas também e possivelmente em primeiro lugar como uma via privilegiada de construção da própria pessoa, das relações entre indivíduos, grupos e nações. Assevera ainda que o mais relevante que a Educação pode realizar é a promoção do gênero humano: “[...] a Educação tem como objetivo essencial o desenvolvimento do ser humano na sua dimensão social” (DELORS, 2012, p. 43). Não obstante a Educação enfrente também enormes desafios, ela se depara:

[...] com uma contradição quase impossível de ser resolvida: por um lado é acusada de estar na origem de muitas exclusões sociais e de agravar o desmantelamento do tecido social; por outro, é ela que se invoca, quando se pretende restabelecer algumas das “semelhanças essenciais à vida coletiva”. (DELORS, 2012, p. 43).

Uma das principais funções reservadas à Educação consiste em prover a humanidade da capacidade de dominar seu próprio desenvolvimento. Desse modo, sua finalidade não pode ser a aquisição de uma gama de conteúdos voltados, de forma restrita e pragmática, à preparação de jovens para exames vestibulares e às avaliações do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) para acessar carreiras universitárias, tampouco deve ser ela utilitarista a ponto de somente formar para o trabalho. O objetivo da Educação não reside na qualificação do homem para servir o mundo econômico.

Desenvolver os talentos e as aptidões de cada um corresponde, ao mesmo tempo, à missão fundamentalmente humanista da educação, à exigência de equidade que deve orientar qualquer política educativa e às verdadeiras necessidades do desenvolvimento [...]. (DELORS, 2012, p. 85).

Ainda que seja necessário reconhecer que a Educação não conseguiu realizar as promessas de transformação social anunciadas, tampouco superar as desigualdades sociais e econômicas, deixando à margem uma parcela economicamente menos favorecida da população, optamos por valorizar esse campo de atuação, especialmente por compreender seu potencial para contribuir com o desenvolvimento da sociedade e do homem.

Nessa perspectiva, Savater (2012, p. 178) destaca:

[...] educar é favorecer o desenvolvimento de “um tipo de homem em face dos outros, um modelo de cidadania, de disposição para o trabalho, de maturidade psicológica e até de saúde, que não é o único possível, mas que se considera preferível aos demais”.

No bojo das mudanças atuais, os desafios apresentados exigem uma Educação que dialogue com seu tempo social, na esperança da verdadeira democratização de suas potencialidades não somente para a aquisição de conhecimento, mas também fornecendo subsídios necessários para viver e conviver nos tempos atuais. As mudanças na área da Educação são constantes e necessárias em virtude da relação dialógica estabelecida entre comunidade escolar, família e sociedade.

As constantes necessidades de se renovar e reinventar que impactam a Educação e, consequentemente, o contexto e o fazer escolar atingem também seus diferentes componentes curriculares, entre os quais nos interessa aqui a Educação Física escolar.

Também a Educação Física escolar vem nas últimas décadas sofrendo distintas mudanças, sempre em busca de aprimorar-se, mas também em diálogo com seu tempo social. De acordo com Betti (1991), a Educação Física foi incluída na escola no ano de 1851, e desde então vem buscando sua identidade, apesar do preconceito sofrido, quando compreendida de forma limitada como um tempo e espaço para recreação, jogos e brincadeiras.

Importante considerarmos que a Educação Física escolar passou por diferentes movimentos que marcaram sua evolução, desde o higienismo e militarismo até os dias atuais. No entanto não é objetivo do presente artigo tratar da trajetória histórica da Educação Física escolar e os diferentes momentos de inflexão de mudanças pelas quais passou até chegar aos dias atuais, embora se considere a importância do seu percurso histórico e as contribuições do movimento renovador na ressignificação desse componente curricular. Entendemos haver importantes discussões já realizadas nesse sentido, especialmente pelos autores que se debruçam sobre o tema com maior profundidade (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009; FENSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2013; FENSTERSEIFER; SILVA, 2011). Assim, faremos apropriações desse movimento com o objetivo de sinalizar questões que entendemos devam constituir o fazer pedagógico no âmbito da escola diante do contexto atual. Importante também termos em conta que a própria Educação Física escolar experimenta os desafios das transformações sociais, provocando a busca por legitimação em consonância com a contemporaneidade.

González e Fensterseifer (2009) destacam que a nas últimas décadas a Educação Física escolar vem recebendo especial atenção de estudiosos cujas proposições interferem e promovem mudanças e a reorganização de seus conteúdos e modo de estar na escola. De acordo com os autores, a Educação Física escolar brasileira passa por um processo de transformação que nos coloca, por um lado, diante do abandono de um discurso legitimador centrado no “exercitar-se para...” e, de outro, esse componente curricular vivencia as dificuldades encontradas na construção e efetivação de um novo modo de legitimação no espaço escolar (GONZÁLEZ;

FENSTERSEIFER, 2009).

“Entre o ‘não mais’ e o ‘ainda não’”, provocativo título dado ao artigo, González e Fensterseifer convidam para uma reflexão a respeito da Educação Física escolar, quando discutem seu lugar no centro das mudanças experimentadas ao longo das décadas, e revelam um compasso de espera, um intervalo, talvez de uma reconstrução, de busca por novos caminhos, talvez de um não lugar, ou ainda a busca por novas possibilidades legitimadoras que justifiquem sua permanência no ambiente escolar:

EF na forma de um componente curricular, responsável por um conhecimento específico (inclusive conceitual), subordinado a funções sociais de uma escola republicana, comprometida com a necessidade que as novas gerações têm de conhecimentos capazes de potencializá-los para enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. No entanto, é bom ter clareza de que esse novo projeto não existe enquanto prática hegemônica, o que significa que essa nova responsabilidade autoatribuída deva passar pela invenção de novas práticas pedagógicas. (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009, p. 12).

As argumentações propostas pelos autores justificam o título do artigo, trazendo à baila um fazer pedagógico localizado entre o antigo e o novo, entre o ontem e o hoje/amanhã, denunciando a percepção do hiato que marca o momento da transição, evidenciando o que se foi e já não serve e o que ainda não chegou, mas sobretudo em busca de concretizar seu aporte teórico-prático no fazer escolar.

Fensterseifer e González (2013) destacam que os desafios da Educação Física estão postos na direção da necessidade de estabelecer um diálogo com o contexto sociocultural no qual está inserida, ao que os autores vão denominar de sociedade democrática e republicana. Assim afirmam:

Cabe à Educação Física tematizar as diferentes manifestações da cultura corporal de movimento, articulando-se com o desenvolvimento curricular proposto pelos marcos legais, sem desconsiderar as nuances do contexto no qual se desenvolve e os sujeitos que com ela estão envolvidos. (FENSTERSEIFER; GONZÁLEZ, 2013, p. 33).

Ainda que afirmem a não intencionalidade da Educação Física de produzir respostas prescritivas, chamam atenção para a necessidade de serem desenvolvidas, considerando as expectativas da sociedade, a especificidade da escola e a responsabilidade curricular desse componente enquanto disciplina do currículo. Para os autores, as respostas que historicamente estiveram vinculadas ao “exercitar-se” não mais dão conta de sustentar a especificidade da Educação Física no âmbito escolar.

Tal percepção coloca para a Educação Física escolar a urgente e desafiadora tarefa de reconstrução dos conteúdos e maior aproximação com temas da atualidade. Diante do exposto, trazemos ao debate, de forma bastante despretensiosa, uma possibilidade de diálogo entre a Educação Física escolar e a Educação para o Lazer e Consumo.

Das reflexões apresentadas acerca daquilo que a Educação Física poderia ser, Bracht (2019, p. 22) refere-se “menos a uma prescrição normativa e mais a perscrutar possibilidades”. Ressalta ainda que em uma sociedade aberta, democrática e plural teremos sempre também uma pluralidade de visões de Educação Física, sem que tal fato, no entanto, esvazie a importância da discussão teórica. Assim, assegura o autor, caberá ao intelectual muito mais a função de mediação que de juiz entre o certo e o errado.

Pautado em argumentações de Bauman, Bracht (2019) apresenta hipóteses evidencian-

do que as razões que legitimaram a presença da Educação Física na escola estão se esgotando, especialmente em virtude das “mudanças societárias mais amplas em curso nas últimas décadas”, o que indicaria, segundo Bracht (2019, p. 25), que a Educação Física em sua versão escolar deixaria de ser necessária nos moldes que foi anteriormente projetada. Os pilares constituintes da Educação Física escolar já não apresentam os mesmos potenciais de sustentação no currículo escolar, e até mesmo tentativas de atualização e ressignificação, como os propósitos de promoção de saúde, já não alcançam o mesmo sucesso.

Ainda no âmbito escolar, refletindo acerca da centralidade do conhecimento no exercício de ser professor, González e Fensterseifer (2009, p. 21) ressaltam que “a escola é um lugar em que é possível defender e construir formas de olhar e sentir o mundo diferente daquelas que permitem outras instituições sociais”. Cabe ainda, entre as diversas funções esperadas da escola, apresentar aos alunos o mundo sociocultural que a humanidade tem construído, “com o objetivo de que eles possam incluir-se no projeto, sempre renovado, da reconstrução desse mundo” (GONZÁLEZ; FENSTERSEIFER, 2009, p. 21). Aqui acrescentamos que tal conhecimento é importante também para os modos de estar e relacionar-se nos diversos setores da sociedade atual. Não se trata de um manual de condutas a serem seguidas, mas de subsídios para a reflexão acerca de vários elementos da atualidade, com ênfase, no presente estudo, aos consumos de bebidas alcoólicas por parte de uma parcela da juventude.

Silva e Fensterseifer (2010) questionam no atual contexto sociocultural, por exemplo, a presença dos meios eletrônicos e virtuais de comunicação (principalmente a televisão, a internet e, mais recentemente, as mídias sociais, como Facebook, Instagram, entre outras) –, indagando que conhecimentos a escola deve mobilizar para dar conta de contribuir com a formação humana e como lidar com esse universo de informações. Essas questões deveriam ocupar os educadores nesse início de século. Tal entendimento está ancorado em pesquisas que demonstram que crianças e adolescentes são telespectadores assíduos exatamente nas fases mais críticas da formação física e mental do ser humano. Todos os questionamentos trazidos pelos pesquisadores refletem um especial convite à reflexão acerca não somente da necessidade de mudanças, mas também de atualização constante.

As mídias representam uma das principais fontes de mudanças nos tempos atuais, para as quais Betti (1999, p. 89) chama atenção, destacando que vivemos hoje em uma sociedade informacional, em que somos permanentemente bombardeados por palavras, sons, imagens, na forma de sinais, índices, ícones e símbolos. Por essa perspectiva, a escola deve auxiliar o aluno a “digerir” o que assiste, pois as mensagens veiculadas pelas mídias dizem respeito ao seu mundo. Assim, é preciso refletir: “Se a educação visa formar cidadãos críticos e reflexivos, como alcançar tal objetivo sem prepará-los para realizar de forma crítica aquela atividade à qual dedicam grande parte de seu tempo?” (BETTI, 2003, p. 274).

Ademais, é necessário considerar que adolescentes e jovens, especialmente aqueles com maior poder aquisitivo, “passam mais tempo envolvidos com jogos eletrônicos do que com jogos físicos, passando mais tempo com os amigos em ambientes virtuais do que em ambientes reais. Falam a linguagem digital com a fluidez de quem tenha aprendido desde a infância” (CARIDE, LORENZO, RODRÍGUEZ, 2012, p. 28).

Betti prossegue afirmando que esses ritmos sociais e atemporais das interrelações, a compulsão pelos acontecimentos, parece que chegaram para ficar definitivamente na sociedade atual, mais fortemente marcados entre as juventudes, demandando processos de socialização e imersão na vida cotidiana ainda pouco conhecidos por pais e professores.

As reflexões de Betti (2003) e Caride, Lorenzo e Rodríguez (2012) são extensivas não somente aos jogos eletrônicos, mas também à publicidade televisiva, cujo objetivo é convencer acerca dos efeitos positivos do produto anunciado e, assim, da necessidade de seu consumo. Nesse sentido, podemos afirmar que a publicidade de cervejas veiculada antes, durante e depois da transmissão de jogos de futebol representa um bombardeio de ideias sugestivas aos telespectadores de todas as idades, facilitando a compreensão que vincula assistir ao jogo, divertir-se e... beber cerveja. A vivência desse lazer, assistir e consumir carrega elementos que estão associados e naturalizados.

De certo modo, tornou-se cultural essa atuação, mas ressaltamos que não é intenção

do presente artigo censurar ou criticar os hábitos de lazer da população, especialmente dos adultos e de suas escolhas responsáveis. O que questionamos e trazemos à reflexão são as possíveis influências no comportamento de adolescentes e jovens, cujo organismo está ainda em formação e sua maturidade para escolhas responsáveis encontra-se em construção.

Com base em algumas questões sociais atuais, destacamos uma das principais preocupações no âmbito da saúde e da educação relacionada às juventudes: os consumos de álcool convertidos em tema de destaque nas políticas internacionais de educação, que ganha centralidade em virtude das consequências diretas e indiretas provocadas especialmente pelo beber em excesso por parte de uma parcela da população jovem.

Ainda que não tenhamos aqui a pretensão de responder a todos os questionamentos, entendemos a importância de trazê-los à reflexão, na esperança da construção gradativa das respostas necessárias. Assim, considerando o atual cenário da relação estabelecida entre adolescentes/jovens, lazer e consumo de bebidas, quais ações podem ser apresentadas pela Educação Física, na perspectiva de contribuir para a diminuição de fatores negativos referentes a tais consumos? Acerca da função da Educação na formação de adolescentes e jovens, que papel é possível desempenhar para contribuir para a reversão do crescente número de bebedores de álcool e especialmente dos consumos em *binge drinking*? É possível que as aulas de Educação Física da escola desempenhem um papel preventivo sem, todavia, assumir o discurso salvacionista atrelado às práticas esportivas?

Nessa esteira desse pensamento, tratar dos temas do lazer em uma perspectiva crítica no âmbito das aulas de Educação Física escolar representa oportunidade de refletir sobre influências da publicidade, consumo e responsabilidade. Considerando o caráter multifatorial que compõe a temática do lazer e esporte, compreendemos seu desenvolvimento transversalizado na escola, ao mesmo tempo com possibilidades de ser assunto abordado nas discussões referentes aos campeonatos de futebol e de outras modalidades esportivas, a publicidade que acompanha os campeonatos e as mensagens transmitidas de forma direta ou indireta.

## Juventude e consumo de bebidas no lazer

A terceira edição da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) de 2015 sobre estudantes de 13 a 17 anos de escolas públicas e privadas mostrou que o consumo de álcool esteve presente em 23,8% dos pesquisados nos últimos trinta dias anteriores à pesquisa, e 21,4% disseram ter sofrido algum episódio de embriaguez. A maneira mais comum para obtenção dessas bebidas é em festas (43,8%) e com amigos (17,8%). Quanto ao uso de drogas ilícitas, 9% disseram ter consumido. Em relação ao uso de tabaco, a experimentação é de 19% no grupo de 13 a 15 anos e de 29% entre os escolares de 16 a 17 anos. Quanto ao álcool, 54,3% dos escolares de 13 a 15 anos experimentaram uma dose de bebida alcoólica, percentual que chega a 73% entre os de 16 a 17 anos (BRASIL, 2016).

Em relação aos contextos de lazer em que tais usos ocorrem, entendemos que a aula de Educação Física escolar, mas não somente ela, pode representar o tempo e espaço de discussão dos elementos constitutivos das situações de lazer e, entre elas, o beber associado a determinadas modalidades de divertimento. Consideramos que as questões sociais que se revelam no cotidiano da escola representam oportunidades de problematizar e impulsionar contribuições que a Educação pode aportar à vida de adolescentes e jovens, estudantes de escolas públicas e privadas. Entre tais questões, destacam-se o beber e o beber em excesso, também chamado *binge drinking*, categoria de divertimento noturno de uma parcela da população jovem que carece de debate, isso justificado pelos números e estatísticas que os estudos epidemiológicos de tempos em tempos nos apresentam.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece o “uso recreativo de drogas” como importante categoria de consumo de substâncias lícitas e ilícitas, o que acontece geralmente em contextos de lazer por serem estas situações marcadas pela liberdade, pela busca de prazer e sociabilidade. Ainda que tal consumo não seja uma prerrogativa somente da adolescência e juventude, é nessa fase do desenvolvimento humano que os usos de substâncias lícitas e ilícitas tem início e, dependendo dos diferentes fatores biopsicossociais, pode ganhar proporções

na vida do usuário.

Textos básicos do Ministério da Saúde (BRASIL, 2003) e relatórios das pesquisas epidemiológicas desenvolvidas no Brasil e divulgados pelo Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (CEBRID) (CARLINI *et al.*, 2002, 2006; CARLINI; NOTO; SANCHEZ, 2010; GALDURÓZ *et al.*, 2005) apontam o panorama nacional dos usos de drogas. Soma-se aos referidos estudos o II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas (LENAD, 2012) que, como os anteriores, evidencia uma tendência para o uso cada vez mais precoce de drogas, incluindo o álcool, cujo consumo ocorre de forma cada vez mais intensa.

Os estudos mencionados apontam a necessidade de abordagens multi e interdisciplinares para se compreender o problema, além de estratégias interventivas e políticas públicas intersetoriais de educação e prevenção que alcancem a escola, a família e a comunidade. Tais necessidades veem acompanhadas do convite de um novo olhar, que possibilite uma nova compreensão a respeito de um tema que já não comporta os antigos discursos e estigmas, que precisa ser tratado com naturalidade e informação científica.

O perfil do usuário mudou, assim como os contextos de uso que sinalizam a predominância dos espaços recreativos, evidenciando o lazer como um significativo universo de experimentação e uso. Tal constatação torna o lazer um importante locus de estudos acerca dessa temática, pois o próprio consumo de substâncias foi transformado em opção de lazer de uma parcela da população, com predominância da juventude e do lazer noturno.

Embora ciente dos problemas trazidos pelos consumos de substâncias ilícitas, optamos no presente estudo por tratar somente dos usos de bebidas alcoólicas, por ser essa a substância de maior consumo entre os estudantes do ensino fundamental e médio no Brasil. Também pelo fato de as bebidas alcoólicas protagonizarem uma modalidade de beber que cresce entre os jovens, ocasionando prejuízos diretos e indiretos: brigas e agressões, violência sexual, acidentes de trânsito, além das inúmeras patologias resultantes do beber excessivo.

No entanto, consideramos importante uma pequena menção ao uso de drogas ilícitas, a título introdutório. Conforme destaca o mais recente estudo amostral acerca do assunto, o “III Levantamento nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira”, desenvolvido pela Fiocruz (BASTOS *et al.*, 2017), em todo território nacional, entre pessoas de 12 a 65 anos, 3,2% dos brasileiros usaram substâncias ilícitas nos doze meses anteriores à pesquisa, o que equivale a 4,9 milhões de indivíduos. Esse percentual é muito maior entre os jovens, 7,4% das pessoas entre 18 e 24 anos havia consumido drogas ilegais no ano anterior à entrevista.

Aponta o estudo que a substância ilícita mais consumida no Brasil é a maconha: 7,7% dos brasileiros de 12 a 65 anos já a usaram ao menos uma vez na vida. Em segundo lugar está a cocaína em pó: 3,1% já consumiram a substância. Nos trinta dias anteriores à pesquisa, 0,3% dos entrevistados afirmaram ter feito uso da droga.

Entretanto, grande parte dos dados apresentados pela Fiocruz relacionados aos padrões de uso de drogas no Brasil não aponta as substâncias ilícitas como maior problema de saúde pública, mas sim o álcool, a substância mais consumida no país. Mais da metade da população brasileira de 12 a 65 anos declarou ter consumido bebida alcóolica alguma vez na vida. Cerca de 46 milhões (30,1%) informaram ter consumido pelo menos uma dose nos trinta dias anteriores à pesquisa. E aproximadamente 2,3 milhões de pessoas apresentaram critérios de dependência de álcool nos 12 meses anteriores à pesquisa (BASTOS *et al.*, 2017).

Esse importante estudo demonstra, mais uma vez, que os problemas relacionados aos consumos de substâncias estão muito mais circunscritos às substâncias lícitas, exatamente aquelas publicizadas na televisão nos dias de campeonatos de futebol. Curiosamente, até mesmo dão nome ao lugar reservado para tais eventos<sup>1</sup>. Trata-se de dados relevantes para nortear políticas de educação, prevenção e promoção de saúde, a serem desenvolvidos dentro e fora das escolas.

Pesquisas apontam que parte do consumo de bebidas alcoólicas acontece em contextos de lazer com finalidade recreativa, conforme estudos de Martins (2006), Measham e Brain

<sup>1</sup> Na finalização da reforma do estádio popularmente conhecido como Estádio Fonte Nova, em Salvador, o local ganhou o nome de seu patrocinador, ficando então conhecido como Arena Itaipava Fonte Nova. Ou seja, uma empresa de produção de droga lícita patrocina o esporte e os principais eventos esportivos do país.

(2005), Bertolo e Romera (2011), Romera (2008, 2013, 2014a, 2014b), Romera e Reis (2009), Sanchez (2017), Sanchez, Ribeiro e Wagner (2015) entre outros.

Romera (2008) e Romera e Reis (2009) investigaram os padrões de consumo de álcool entre torcedores de futebol de uma grande torcida paulistana e encontraram um consumo de bebidas maior que aqueles praticados por outros grupos de jovens com o mesmo perfil apresentados na literatura (KERR CORRÊA *et al.*, 2002; MARTINS (2006), sugerindo um beber problemático entre uma parcela de torcedores de futebol.

Investigação realizada por Sanchez, Ribeiro e Wagner (2015) com jovens da cidade de São Paulo, acessados durante as baladas dos mais diferentes perfis, evidenciou que cerca de 30% dos entrevistados saíram dos estabelecimentos (bares, boates, *pubs*) com dosagem alcoólica no sangue equivalente à prática do *binge drinking*. A pesquisa destaca ainda que nas baladas essa prática aumentou em 9 vezes para homens e 5 vezes para mulheres, elevando também a chance de esse usuário sofrer um apagão, ou seja, não saber o que lhe ocorreu após a saída do estabelecimento, quando comparados a “baladeiros” que beberam mas não praticaram *binge drinking*.

O *binge drinking* é reconhecido como um padrão de consumo de risco que tem despertado interesse de pesquisadores internacionais, mas ainda é pouco investigado no Brasil. Evidenciado por um “beber pesado episódico” correspondente a um consumo mínimo de quatro doses de álcool em uma única ocasião para mulheres e cinco doses para homens, em um espaço de tempo de duas horas. Sanchez, Ribeiro e Wagner (2015) ainda destacam que no primeiro levantamento nacional dos padrões de uso de álcool no Brasil, realizado em 2005-2006, foi identificada uma prevalência de *binge drinking* no ano anterior à pesquisa de 28% em adultos, 40% na faixa etária de 18 a 24 anos e 53% entre os adolescentes do sexo masculino. Observa-se um aumento nos bebedores no levantamento de 2010, realizado com estudantes do ensino médio das 27 capitais do país, que revelou uma prevalência de 32% de prática de *binge drinking* naquele ano.

Os estudos apresentados denunciam o maior consumo de álcool em relação às drogas ilícitas, além de um consumo pesado (*binge drinking*) por parte de adolescentes e jovens, sinalizando a necessidade tanto de políticas regulatórias de distribuição, comércio e publicidade do álcool, como também de ações de prevenção entre os adolescentes e jovens, uma vez que os usos se iniciam por volta dos 11 ou 12 anos.

## Contribuições da Educação Física e Lazer

A Educação Física escolar não esgotou suas possibilidades de contribuição para a formação crítica de seus estudantes nos ensinamentos fundamental e médio. Por meio das práticas corporais que suscitam e promovem atividades dialogadas ou reflexões críticas sobre esportes e consumo, por exemplo, é possível explorar diferentes formas de construção de uma educação para o lazer.

Nessa perspectiva, Fensterseifer e Silva (2008) abordam questões relativas à controversa discussão sobre qualidade de vida e as possibilidades de intervenção crítica que a Educação Física pode promover na sociedade de consumo e propõem que sejam pensadas algumas formas de intervenção possíveis no âmbito da saúde e da qualidade de vida por intermédio da Educação Física Escolar. Assim destacam:

Emerge deste debate, uma possibilidade epistêmica de situar a Educação Física e compreender sua função na “sociedade de consumo”, bem como uma forma de encaminhar e construir uma perspectiva crítica de intervenção na Educação Física Escolar em relação ao tema da qualidade de vida. (FENSTERSEIFER; SILVA, 2008, p. 55).



Ressaltam os autores que de cidadãos reconhecidos como categoria política fomos transformados em consumidores, categoria econômica, em um universo em que tudo se converte em mercadoria, incluindo a qualidade de vida, o lazer, a felicidade. Tais mercadorias e suas promessas de felicidade, liberdade e prazer desfilam sobre nossos olhos, e de maneira ininterrupta durante intervalos comerciais, por meio de peças publicitárias construídas de modo cada vez mais inteligente e persuasivo.

Entre os argumentos de persuasão sutilmente utilizados tem destaque o fenômeno esportivo, que de forma contraditória, portanto acrítica, vem acompanhado da noção de um imaginário de promoção de saúde. Desse modo, evidenciar as relações estabelecidas entre esportes e consumo de bebidas, o que é exaustivamente apresentado durante a transmissão das partidas, representa importante elemento pedagógico e um convite à discussão reflexiva nas aulas de Educação Física escolar. Tal exercício está vinculado à possibilidade de educação para o lazer, atrelado às responsabilidades dos consumos e seus impactos individuais e sociais.

Fensterseifer e Silva (2008, p. 57) ainda alertam sobre o importante compromisso ético de não “vender ilusões” no que diz respeito aos discursos e promessas outorgados ao exercício físico. Destacamos que o mesmo cuidado deve ser tomado em relação às falsas promessas agora atribuídas à educação para o lazer, pois que seria incorrer em um mesmo equívoco, apenas substituindo os poderes milagrosos do exercício físico pelas capacidades ilimitadas da educação para o lazer. Coadunamos com os autores, ao afirmarem que nos cabe o exercício de “ajudar o aluno a compreender melhor o mundo em que vive através da ‘janela da Educação Física’ (esperando que as demais disciplinas o façam a partir de suas especificidades)” (FENSTERSEIFER; SILVA, 2008, p. 57).

No caso da Educação Física, atitudes irresponsáveis de promessas fáceis têm levado a um quadro crítico de problemas como o uso abusivo do *doping*, distúrbios como anorexia, bulimia, vigorexia, entre outros. Como tantos pontos, a educação para o lazer aqui proposta traduz um desafio da Educação Física dos novos tempos, cuja necessidade de se reinventar e atualizar representa oportunidade de seguir construindo as próprias mudanças na tentativa de atender e acompanhar a contemporaneidade preservando sua importância no interior da escola.

No século XXI, temos que a experiência do lazer é uma ocorrência comum tanto no contexto econômico quanto no social. A contribuição do lazer para as economias nacionais é inegável, e no campo acadêmico é considerado um fator de qualidade de vida e espaço para o desenvolvimento pessoal e social.

E, ainda que se apresente como espaço preferencial para experimentação e uso de álcool, o lazer carrega também um vasto potencial educativo, evidenciando seu caráter paradoxal. Assim, o lazer tanto representa a possibilidade de educação, emancipação e desenvolvimento humano como, de modo inverso, pode ser compreendido como oportunidade de envolvimento com situações de risco e aumento da vulnerabilidade nos usos recreativos de bebidas.

Ao evidenciar o aspecto paradoxal do lazer, Caldwell e Faulk (2013) destacam que ele tanto pode contribuir para o desenvolvimento humano, promovendo saúde e bem-estar, como também representar um contexto para o comportamento de risco e abuso de substâncias. Não obstante o lazer se configure por um comportamento caracterizado pelo consumo, sua vivência também apresenta a possibilidade de ser ambivalente e multiforme.

Para Codina e Munné (1999, p. 430): “O lazer é fonte de criatividade ao mesmo tempo em que é também o mais patológico que se encontra em qualquer sistema social”. O lazer pode representar importante fator de educação, emancipação e desenvolvimento humano, como também pode protagonizar situações facilitadoras de consumo abusivo e prejudicial.

O lazer não é em si bom ou ruim, uma vez que representa um tempo a ser vivenciado pelo ser humano, que então imprimirá o valor e a importância que julgar relevante e prazeroso. Conforme afirma Freire (2013), por sua própria natureza o lazer exige uma abordagem integrada, que combina perspectivas interdisciplinares e multidisciplinares para formar novas possibilidades sobre aspectos que podem representar uma experiência, atividade ou contexto que melhore forças humanas, individuais, sociais e recursos, contribuindo, assim, para o bem-estar dos indivíduos e das sociedades.

Codina e Munné (1999) destacam que o interesse individual pela satisfação de desejos

de autorrealização no âmbito do lazer pode ser explicado por duas razões fundamentais:

Uma porque no lazer [as pessoas] podem dispor de maior liberdade de comportamento. E a outra porque no lazer tem a possibilidade de compensar necessidades, aspirações ou desejos de expressão e experiências pessoais não satisfeitas ou adquiridas em outros âmbitos de sua cotidianidade. (CODINA, 2002, p. 61-62).

Importante destacar que os modos de fazer prevenção também se encontram em processo de transformação com profundas mudanças. Estão superados os modelos de prevenção pautados na distribuição de panfletos informativos ou em discursos e palestras com viés ame-drontador baseados em inverdades que pouco contribuíram para a diminuição dos usos de drogas entre adolescentes e jovens. A ciência da prevenção, então construída com base na avaliação de práticas preventivas e apoiada em evidências científicas, apresenta-se como uma importante possibilidade de construção de ações interventivas nos diferentes contextos sociais com o intuito de promover a prevenção aos usos de álcool e outras drogas. Entre os diferentes contextos sociais, interessa-nos o ambiente educacional e as aulas de Educação Física escolar. Autoriza-nos tal reflexão o fato de também a própria Educação Física estar passando por período de mudanças e busca por legitimação de sua permanência na escola, configurando-se como um período de transição, conforme anteriormente discutido.

Ao defender o desenvolvimento de ações de prevenção no universo escolar, Bernardo (2019, p. 29) destaca:

a prevenção pode ser compreendida como uma rede de cuidados e diálogos permanentes que contenham ações de diversas naturezas que possam abranger o entorno do indivíduo e fortalecer o vínculo saudável dele com as atividades que tangem sua vida, facilitando a diminuição de vulnerabilidades.

Bracht (2019) alerta para a transição do olhar da Educação Física escolar, que, se em dado momento esteve pautada no mundo do trabalho, tem agora sua atenção transferida para o mundo do lazer, que, em outras palavras, também significa dizer o mundo do consumo. As discussões do lazer estão cada vez mais presentes no cerne da Educação Física escolar, legitimadas por questões demarcadoras dos modos atuais de vivenciar o tempo livre, compreendendo que o próprio lazer foi transformado em mercadoria de consumo.

Considerando o lazer e sua natureza multidisciplinar, não cabe somente à disciplina de Educação Física escolar a problematização das formas de experiências e consumos, senão que também a ela, em uma perspectiva plural e em diálogo com a educação para o lazer. As demais disciplinas que compõem o currículo devem também contribuir para a discussão do tema. Bracht (2019, p. 74) adverte ser comum delegar tal responsabilidade a determinadas disciplinas do currículo:

Não responsabilizemos exclusivamente uma ou outra disciplina escolar pela educação para o lazer (a Educação Física e Artes, por exemplo), mas que toda escola como um todo assuma a educação para o lazer como tarefa nobre e importante, o que implica colocar em questão as próprias finalidades sociais da instituição escolar.

Na mesma perspectiva, Cuenca (2006, p. 93) também defende: “A educação do lazer tem um enorme potencial para levar a cabo a educação para a vida”, e, considerando a proporção que esse tempo e espaço vêm ganhando, o autor ressalta: “A integração da educação do lazer em um projeto educativo dos novos cidadãos é uma tarefa urgente e necessária”.

Ainda que estejam apresentadas as diversas possibilidades de aproximação entre os referidos temas para a problematização, ressaltamos o necessário distanciamento das compreensões ingênuas observadas em discursos e das ideias ultrapassadas que instrumentalizam o esporte, concebido como um antídoto mágico contra o uso de drogas e outros problemas, principalmente aqueles relacionados à juventude. Como se as práticas esportivas e as aulas de Educação Física, por si só, pudessem resolver a imensidão de mazelas sociais que compõem a questão complexa e multifacetada, como é o uso de álcool e drogas. Tampouco se trata da ideia de levar o lazer a um patamar instrumental e funcional voltado à ocupação do tempo livre de crianças e jovens, propagando atividades “sadias” com o objetivo, de forma reducionista, somente de ocupar o tempo livre, cerceando as liberdades de escolhas para as experiências do lazer.

Essa compreensão pragmática dirigida às práticas esportivas são observadas quando o esporte se converte em ferramenta de ocupação do tempo de crianças e jovens, geralmente das férias, pautada na simples compreensão de que somente ocupar o tempo livre seja suficiente para promover o distanciamento de bebidas e de outras drogas, e, principalmente, promover a construção de um posicionamento crítico por parte do jovem.

Compreendemos que afiançar o direito ao lazer, sob diferentes formas e perspectivas, faz parte do investimento que os governos e a Educação devem empregar como garantia para o desenvolvimento pessoal e social dos cidadãos, mas também porque contribui para toda a sociedade mediante a multiplicidade de benefícios que impactam coletivamente (WLRA, 2006; WLO, 2009).

As experiências vivenciadas nos tempos escolares contribuem para os processos de socialização e desenvolvem uma dupla tarefa: por um lado, tratam dos significados contidos nos contextos sociais (família, amigos, redes sociais etc.); de outro, voltam-se ao tempo livre, evidenciando a necessidade de uma educação do lazer que contribua para o desenvolvimento integral da personalidade dos adolescentes e jovens, objetivo final da Educação.

## Considerações Finais

Partindo do reconhecimento do processo de mudanças que impactam a contemporaneidade, conjugado com o atual momento vivido pela Educação Física escolar, de sua reinvenção e envolvimento em um novo processo de legitimação, o presente artigo tratou das aproximações a serem desenvolvidas por esse componente curricular no âmbito escolar. Tais aproximações foram respaldadas por entendermos a necessidade de incorporar nesse âmbito as discussões de uma educação para o lazer como elemento constitutivo das aulas de Educação Física na escola com fundamento nos esportes, na perspectiva da assistência e na prática como recursos disparadores de discussões e reflexões. Entendimento este justificado pelo atual panorama de excessos, marcador dos consumos de bebidas alcoólicas praticados por uma parcela da população constituída por estudantes do ensino fundamental e médio.

Consideramos que as estratégias de prevenção devem levar em consideração a diversidade de condições onde ocorre o consumo, o contexto social e demais especificidades que compõem o fenômeno dos usos de álcool. A ideia de uma sociedade absolutamente isenta do uso de álcool e outras drogas encontra-se distante da realidade e configura-se objetivo dificilmente alcançável. Daí a necessidade de se trabalhar com a prevenção na perspectiva da responsabilização por escolhas e suas consequências com o público adolescente e jovem.

O atual panorama relativo ao consumo de álcool no Brasil e a questão do paradoxo que permeia os estudos do lazer suscitam a necessidade de se buscar novas proposições tanto para as políticas de lazer quanto para as intervenções de caráter preventivo dentro e fora da escola.

Por fim, acreditamos que educar no lazer faz parte de um processo que não é dado como certo, que é planejado, desenvolvido, que é consolidado e deve estar presente desde

a infância, independentemente da condição social, cultural, étnica, linguística ou religiosa. A tarefa de educar para o lazer não é simples. Entendemos que esse é um trabalho reflexivo que deve ser construído, adaptado e contrastado com a realidade, envolvendo profissionais e especialistas da Educação, de modo geral, e da Educação Física escolar, de modo específico.

É certo que os desafios apresentados à contemporaneidade são constantes e, ainda que considerando os limites que acompanham a Educação e a Educação Física, reconhecemos seu potencial transformador. Do mesmo modo, entendemos que, sem lhes atribuir possibilidades maiores que as que podem protagonizar, Educação Física e lazer são portadores das condições de desenvolvimento humano, que podem proporcionar capacidades e possibilidades de formar cidadãos mais críticos e reflexivos diante dos apelos midiáticos de consumo que marcam a contemporaneidade.

## Referências

BASTOS, F. I. P. M. et al. (Orgs.). **III Levantamento nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira**. Rio de Janeiro: Fiocruz/ICICT, 2017.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BERNARDO, J. F. **Panorama nacional de prevenção de drogas em contextos educacionais**. 2019. Tese (Doutorado em Educação e Saúde na Infância e Adolescência) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2019.

BERTOLO, M. A.; ROMERA, L. A. Cerveja e publicidade: uma estreita relação entre lazer e consumo. **Licere**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 1-27, 2011.

BETTI, M. **Educação física e sociedade**: a educação física na escola brasileira de 1º e 2º graus. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M. Entre assistir e praticar: educação física, esporte, televisão e lazer. In: MARCELLINO, N. C. (Org.). **Lúdico, educação e educação física**. Ijuí: Unijuí, 1999. p. 213-230.

BETTI, M. (Org.). **Educação física e mídia**: novos olhares, outras práticas. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2003.

BRACHT, V. **A Educação Física Escolar no Brasil**. O que ela vem sendo e o que pode ser. Ijuí: Editora Unijuí, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. **A política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília: DF: Ministério da Saúde; Secretaria Executiva; Coordenação Nacional de DST e Aids, 2003.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas. **Relatório brasileiro sobre drogas**. Organizadores: Paulina do Carmo Arruda Vieira Duarte, Vladimir de Andrade Stempluk e Lúcia Pereira Barroso. Brasília, DF: SENAD; IME/USP, 2009. Disponível em: <http://www.obid.senad.gov.br/portais/OBID/biblioteca/documentos/Relatorios/328379.pdf>. Acesso em: 20 maio 2017.

BRASIL. **Pesquisa nacional de saúde do escolar**: 2015. Rio de Janeiro: IBGE; Coordenação de População e Indicadores Sociais, 2016.

CALDWELL, L. L.; FAULK, M. Adolescent leisure from a developmental and prevention perspective. In: FREIRE, T. **Positive leisure science**: from subjective experience to social contexts. Dor-

drecht: Springer. 2013. p. 41-60.

CARIDE, J. A. G.; LORENZO, J. J. C.; M. Á. F., RODRÍGUEZ. Educar cotidianamente: el tiempo como escenario pedagógico y social en la adolescencia escolarizada. **Pedagogía Social – Revista Interuniversitaria**, Sevilla, n. 20, p. 7-18, jul./dic. 2012. Tiempos educativos, tiempos de ocio.

CARLINI, E. A.; GALDURÓZ, J. C. F. (Coords.). **II Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil**: estudo envolvendo as 108 maiores cidades do país. Brasília, DF: SENAD; São Paulo: CEBRID/UNIFESP, 2006.

CARLINI, E. A.; GALDURÓZ, J. C. F.; NAPPO, S. A.; FONSECA, A. M.; CARLINI, C. M. A.; MOURA, Y. G. **Levantamento nacional sobre o uso de drogas entre crianças e adolescentes em situação de rua nas 27 capitais brasileiras**. São Paulo: CEBRID/SENAD, 2004.

CARLINI, E. A.; GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; NAPPO, S. A. (Coords.). **I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil**: estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país. São Paulo: CEBRID/SENAD, 2002.

CARLINI, E. A.; NOTO, A. R.; SANCHEZ, Z. V. D. M. (Coords.). **VI Levantamento nacional sobre o consumo de drogas entre estudantes do ensino fundamental e médio das redes pública e privada de ensino nas 27 capitais brasileiras**. São Paulo: CEBRID/SENAD, 2010.

CODINA, N. El ocio en el sistema complejo del self. In: CAVA, M. J. **Propuestas alternativas de investigación sobre ocio**. Bilbao: Universidad de Deusto, Instituto de Estudios de Ocio, 2002. p. 57-72. (Documentos de Estudios de Ocio, n. 20).

CODINA, N.; MUNNÉ, F. Psicología social del ocio y el tiempo libre. In: ESTRAMIANA, J. L.; LUQUE, A. G.; TORREGROSA, J. R. (Coords.). **Psicología social aplicada**. España: McGraw-Hill Interamericana de España, 1999. p. 429-450.

CUENCA, M. C. **Aproximación multidisciplinar a los Estudios de Ocio**. Bilbao: Universidad de Deusto, Instituto de Estudios de Ocio, 2006. (Documentos de Estudios de Ocio, n. 31).

DELORS, J. **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. 6. ed. Tradução José Carlos Eufrazio. São Paulo: Cortez, 2012.

FREIRE, T. **Positive leisure science: from subjective experience to social contexts**. Dordrecht: Springer 2013.

GALDURÓZ, J. C. F.; NOTO, A. R.; FONSECA, A. M.; CARLINI, E. A. **V Levantamento nacional sobre o consumo de drogas psicotrópicas entre estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública de ensino nas 27 capitais brasileiras**. São Paulo: CEBRID/SENAD, 2005.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar I. **Cadernos de Formação RBCE**, [S.l.], v. 1, p. 9-24, 2009.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. Entre o “não mais” e o “ainda não”: pensando saídas do não-lugar da EF escolar II. **Cadernos de Formação RBCE**, [S.l.], v. 1, p. 10-21, 2010.

FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. Educação Física escolar: a difícil e incontornável relação teoria e prática. **Motrivência**, Florianópolis, ano XIX, n. 28, p. 27-37, jul. 2007.

FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. Desafios da legitimação da Educação Física na Escola Republicana. **Horizontes – Revista de Educação**, Dourados, v. 1, n. 2, p. 33-42, jul./dez. 2013.

FENSTERSEIFER, P. E.; SILVA, S. P. Qualidade de vida e Educação Física: conhecimento e intervenção crítica na sociedade de consumo. **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 7, n. 12, p. 55-58, 2008.

KERR CORRÊA, F. et al. (Orgs.). **High risk alcohol use in Brazil college students (UNESP)**: preliminary data from a preventive study. Full Papers presented of the 28<sup>th</sup> Anual Alcohol Epidemiology Symposium. Paris: KBS, 2002.

LEVANTAMENTO NACIONAL DE ÁLCOOL E DROGAS – II LENAD. **O uso de cocaína e crack no Brasil**. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia para Políticas Públicas do Álcool e Outras Drogas. São Paulo: UNIFESP, 2012.

MARTINS, R. A. **Uso de álcool, intervenção breve e julgamento sociomoral em adolescentes que bebem excessivamente**. 2006. Tese (Livre-Docência em Psicologia da Educação) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2006.

MEASHAM, F.; BRAIN, K. “Binge” drinking, British alcohol policy and the new culture of intoxication. **Crime, Media, Culture: an International Journal**, United Kingdom, v. 1, n. 3, p. 267-283, 2005.

MUNNÉ, F. **Psicosociología del tiempo libre**: un enfoque crítico. México, DF: Trilhas, 1999.

ROMERA, L. A. **Juventude, lazer e uso abusivo de álcool**. 2008. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

ROMERA, L. A. Esporte, lazer e prevenção ao uso drogas: dos discursos equivocados aos caminhos possíveis. **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 11-11, 2013.

ROMERA, L. A. Lazer e festas: estudo sobre os modos de divulgação de bebidas nos campi universitários. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 22, n. 1SE, p. 8-18, 2014a.

ROMERA, L. A. As drogas e os cenários de lazer. **Licere**, Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 303-317-317, 2014b.

ROMERA, L. A.; REIS, H. H. B. O uso de álcool, futebol e torcedores brasileiros. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 541-551, 2009.

SANCHEZ, Z. M. A prática de binge drinking entre jovens e o papel das promoções de bebidas alcoólicas: uma questão de saúde pública. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 195-198, jan./mar. 2017.

SANCHEZ, Z. M.; RIBEIRO, K. J.; WAGNER, G. A. Binge Drinking Associations with patrons’ risk behaviors and alcohol effects after leaving a nightclub: sex differences in the “balada com ciência” portal survey study in Brazil. **PLoS One**, [S.l.], v. 10, n. 8, e0133646, Aug. 2015.

SAVATER, F. **O valor de educar**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2012.

SILVA, M. A.; FENSTERSEIFER, P. E. Educação escolar e a formação humana: os desafios impos-

tos pela mídia. **Vidya**, Santa Maria, v. 30, n. 1, p. 71-78, 2010.

WHO – World Health Organization. **Global status report on alcohol and health**. Geneva: World Health Organization, 2014.

WHO – World Health Organization. **Life skills education for children and adolescents in schools**. Geneva: World Health Organization, 1997. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/63552/WHO\\_MNH\\_PSF\\_93.7A\\_Rev.2.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/63552/WHO_MNH_PSF_93.7A_Rev.2.pdf?sequence=1&isAllowed=y). Acesso em: 22 dez. 2019.

WLO – World Leisure Organization. **El ocio**: mejora de la condición humana. Prioridades y Estrategias 2009-2014. Bilbao: WLO. Disponível em: <https://www.worldleisure.org>. Acesso em: 20 dez. 2019.

WLRA – World Leisure and Recreation Association. **Leisure and the quality of life**: impacts on social, economic and cultural development. Hangzhou Consensus: Invited Papers and Report of the Review Panel. Organizing Committee of 2006 Hangzhou World Leisure Expo. Hangzhou, China: Zhejiang University Press, 2006. p. 146-163.

Recebido em 27 de março de 2020.

Aceito em 20 de abril de 2020.